



# Intoxicação por inseticida

A tadinha, Mariano foi conduzido ao hospital por dois mecânicos de automóvel.

– O que houve? – perguntou o médico.

– Ele chegou à oficina hoje, pela manhã, muito alegre, pois era seu primeiro emprego. Trabalhou com afinco, borrifando inseticida em vários ônibus da empresa até começar a passar mal – respondeu um dos acompanhantes.

O paciente estava gravemente enfermo. Mostrava-se confuso e agitado, não respondendo às perguntas formuladas pelo médico. Exibia contrações musculares generalizadas. Havia urinado e evacuado nas roupas. Suava por todos os poros, lacrimejava muito e eliminava saliva em excesso. A respiração era difícil em virtude do espasmo brônquico revelado na ausculta dos pulmões. As pupilas estavam extremamente contraídas.

– Ele usava algum equipamento de proteção individual? – perguntou o médico.

– Que equipamento?

– Botas, luvas, avental, máscara, capacete e óculos de proteção.

– Não, doutor. Ele trabalhou com a mesma roupa que está usando: camiseta e bermudas.

O médico diagnosticou intoxicação aguda por organofosforado. Aplicou imediatamente uma injeção endovenosa de atropina, enquanto providenciava a remoção do paciente para a unidade de tratamento intensivo.

Três dias depois, o paciente foi transferido da UTI para a enfermaria, onde permaneceu em observação mais três dias antes de receber alta. Felizmente, recuperou-se do envenenamento agudo, graças ao atendimento prestado na UTI, onde recebeu o antídoto específico para o tóxico, Contrathion, e demais cuidados como suporte ventilatório e atropinização.

Inseticidas organofosforados são amplamente utilizados tanto nas cidades quanto no meio rural, em virtude de sua eficácia e porque sofrem degradação em poucos dias, não contaminando prolongadamente o meio ambiente. São rapidamente absorvidos pela pele, conjuntivas, tubo digestivo, membranas mucosas e pulmões. Quantidades mínimas podem ser letais, quando usadas em armas químicas como, por exemplo, os gases sarin, tabun e soman.

O uso indiscriminado de agentes organofosforados afeta tanto a saúde humana quanto os ecossistemas naturais. Os mais sujeitos à ação tóxica desses produtos são os trabalhadores rurais, que pulverizam as substâncias sem tomar os devidos cuidados.

Os agrotóxicos são responsáveis por mais de 20 mil mortes acidentais por ano, sendo que a maioria dos casos ocorre no Terceiro Mundo, onde



“O uso indiscriminado de agentes organofosforados afeta tanto a saúde humana quanto os ecossistemas naturais”

se calcula que 25 milhões de trabalhadores agrícolas sofrem intoxicação aguda, anualmente. Dados do Sistema Nacional de Toxicologia revelam que, em 1998, ocorreram 5.268 casos de intoxicação por agrotóxicos, com 181 mortes.

O que se percebe é que as políticas agrícolas são voltadas mais para a produção e deixam de lado os cuidados de proteção dos trabalhadores rurais.

É preciso enfatizar a necessidade de orientação de práticas preventivas como o uso de equipamentos de proteção individual e cuidados no manuseio e armazenagem desses produtos. A educação ambiental continua sendo a alternativa mais eficiente e de baixo custo para o benefício da população. Os meios de comunicação de massa são instrumentos adequados para a divulgação de tais conhecimentos.

Quanto à população urbana, recomenda-se evitar a aplicação de inseticidas diretamente sobre a pele bem como mantê-los longe do alcance das crianças. É também prudente lavar bem as hortaliças em água corrente e descascar as frutas antes de ingeri-las.

Fonte: Wagner Soares (MG), Renan Moritz V.R. Almeida (RJ), Sueli Moro (MG) em *Trabalho rural e fatores de risco associados ao regime de uso de agrotóxicos em Minas Gerais – Cadernos de Saúde Pública*.